A Cabaça Cuieira

Sodoma, Gomorra e Coité do Noia



Ataliba Carneiro e Silva

Copyright © Ataliba Carneiro e Silva, 2017.
Preparação: Ataliba Carneiro e Silva
Revisão: Ataliba Carneiro e Silva
Diagramação: Ataliba Carneiro e Silva
Capa e ilustração: Ataliba Carneiro e Silva
Hospedado no site: www.clubedeautores.com.br

Silva, Ataliba Carneiro e, 1967.
A Cabaça Cuieira- Sodoma, Gomorra e Coité do Noia
Valparaiso de Goiás- GO: 2017.
348p.: 21 cm
Edição: (1) (2017)
ISBN: Número de páginas: 348
Tópicos: Romance, Ficção, Literatura Nacional.
Palavras-chave: Família, pecado, Sexo, política e fé. CDD: B869

2017
Todos os direitos dessa edição reservados a
ATALIBA CARNEIRO E SILVA
atalibasilva@hotmail.com



SUMÁRIO

Capítulo I
Laços de família 09
Capítulo II
Presságios 22
Capítulo III
Os tentáculos da cobra 33
Capítulo IV
Entre a cruz e a espada 44
Capítulo V
Cano raiado 55
Capítulo VI
Vestígios 66
Capítulo VII
Odores e Sabores 77
Capítulo VIII
A raiz do cuitezeiro 87
Capítulo IX
A última tentação 98
Capítulo X
O lago sem fundo 108
Capítulo XI
Força do hábito 120
Capítulo XII
Olhos de serpente 130
Capítulo XIII
Palavra de honra 140

Capítulo XIV
Amor que transforma.....150

Capítulo XV
Buscas e desencontros.....161

Capítulo XVI
A sombra do coité.....171

Capítulo XVII
Cabaça seca.....181

Capítulo XVIII
Filho sem pai.....192

Capítulo XIX
Irmãs de sangue.....202

Capítulo XX
Nas terras de Graciliano.....213

Capítulo XXI
Vilipêndio.....224

Capítulo XXII
A mão amiga.....234

Capítulo XXIII
Laços e nós.....244

Capítulo XIV
Dormindo de olhos abertos.....255

Capítulo XXV
Pactos eternos.....266

Capítulo XXVI
Um livro aberto.....277

Capítulo XVII
Nos braços de Morfeu.....289

Capítulo XVIII
Bicho de sete cabeças.....299

Capítulo XIX
Aspirador de almas.....309

Capítulo XXX
Reincidentes.....320

Capítulo XXXI
O aperto final.....331

Ao meu pai que é para quem, primeiro, sempre dedico todas as minhas obras. À minha mãe, que por vir em seguida não significa que esteja em segundo plano. Meus irmãos e minha família. Por fim, a você leitor que se compromete a ir comigo até o fim desta batalha quixotesca.

O coité atinge até 12 metros de altura. Possui ramos longos, perenes e cheios de folhas até o fim do galho. Possui folhas que medem até 20 centímetros, de coloração verde escura brilhante, simples, alternadas, inteiras e alongadas. As flores são grandes, solitárias, campanulada com cálice, de cor branco-amarelado e são hermafroditas. Os frutos são de coloração verde-clara, arredondados e medem entre 15 a 30 centímetros de diâmetro.

A cabaça da cuieira

Quando maduras, apresentam coloração marrom-negro e são bem resistentes, sendo utilizadas como caixa de ressonância em berimbaus (instrumento musical afro-brasileiro) e como recipiente para líquidos. Possuem boa frutificação, dando origem a várias sementes. As frutas frutificam entre os meses de janeiro e agosto. As sementes podem ser consumidas depois de cozidas, possuindo elevado conteúdo proteico.

*(**https://pt.wikipedia.org/wiki/Crescentia_cujete**)*

A Cabaça Cuieira

Sodoma, Gomorra e Coité do Noia



Ataliba Carneiro e Silva

CAPÍTULO I

Laços de família

O vento infrene insufla – para lá e para cá – um emaranhado de galhos secos dando-lhes a forma de um círculo que se move ao bel prazer de suas lufadas. O beato Romão Cícero, também se desloca com a força do ar cumprindo sua rotina diária amparado pelo braço do seu fiel escudeiro, o coxo Benjamim. Ambos percorrem as ruas de Coité do Noia com mensagens de autoajuda professando sua fé na forma de quadras pobres emparelhadas que o carola afirma suscitarem da inspiração divina. Nesta manhã, ele repetia, incansável, os seus tetrassílabos para quem quisesse e quem não quisesse ouvir:

Coité! Muda teu nome
Tempos de tribulação e fome
Sodoma, Gomorra cai bem
Gente má fingindo bem.

Ante vícios habitadores
Ausência total de pudores
Só o remorso fidedigno
Do defeito que é teu signo

No juízo, choro e ranger de dentes
Aqueles ali perderão os parentes
Olhos nas costas barro quem corre
Ao pó voltará quem fica e não morre

A cortina se rasga, a casa ao chão
Dorme a autoridade, jaz o ladrão
Muda teu nome oh Jezebel!
Ou ficas na terra, não entres no céu

Benjamim, o coxo, corria para transformar os versos do profeta em mensagens compreensíveis para os seus interlocutores. As pessoas em volta, apesar de não entenderam nada, ficavam abismadas frente à mostra de erudição, tanto da parte do beato quanto da de seu tradutor. E se apinhavam para escutá-los. O coxo Benjamim tentava explicar do modo mais didático:

−Coité do Noia mudará seu nome para Sodoma ou Gomorra. Em breve, o véu do templo se rasgará ao meio. Não só em virtude da perversão de seus moradores, mas pela ausência total do arrependimento verdadeiro. Naquele dia haverá choro e ranger de dentes e quem olhar para trás se transformará em uma estátua de barro. Neste exato momento, não se consegue encontrar um homem sequer, nem a mais alta autoridade política, tampouco a mais importante figura religiosa da cidade que não esteja paludoso até o pescoço com a lama espessa do pecado.

O público delirava. Empolgado, Benjamin Bradou:

−Ninguém consegue se desvencilhar por completo do ranço resultante dos erros do passado, senão através do arrependimento sincero pelo pecado cometido.

Seu Ambrósio e dona Juvenília nem ligavam para a pregação do beato. Naquela idade e principalmente àquela altura, já não tinham mais com que se preocupar. – Ou teriam? − A prole estava toda ela criada. O dinheirinho das aposentadorias de ambos dava muito bem para sustentar a velhice que nesta ocasião vencia mais da metade do caminho. Tirante ainda, o fato de estarem sozinhos já que os filhos haviam criado asas e deixado a pequena Coité do Noia, município encravado no coração do estado de Alagoas, para ganhar o mundo. Do mais novo até à mais velha, quase todos já estavam empregados −e bem empregados− bastava ver.

Podia-se iniciar a contagem por Norma, a primogênita − apesar de nos últimos três anos não ter visitado os pais− nas cartas que enviara sempre havia uma quantia em dinheiro acondicionada

em um pequeno envelope separado. Logo na primeira correspondência contou que tinha arrumado um emprego como secretária executiva de uma grande construtora − "a maior, diga-se de passagem," − como ela mesma costumava se referir à empreiteira Quebra Pedra Companhia Ltda. que fica nos arredores do município de Jacaré dos Homens em pleno sertão alagoano.

Filipe era o mais novo. Com apenas dezoito anos, já se dedicava com afinco ao emprego que arranjou como estagiário no escritório de advocacia Montgomery & Associados instalado em um prédio comercial no centro de Pessoa-Anta no Ceará. Também há tempos não dava as caras, mas as notícias corriam o mundo e chegavam até o casal na forma dos escritos que vinham de tempos em tempos. Podiam até demorar, mas sempre chegavam. E como "notícia ruim vem a cavalo", como diz o ditado, não tinha problema nenhum se demorassem. Era sinal de que chegariam sempre boas notícias. O tempo não faz diferença para quem chega à beira do crepúsculo. Depois da curva descendente, a espera é um exercício que faz bem à mente de qualquer pai que ama verdadeiramente os filhos.

Os outros três irmãos sendo duas mulheres e um homem, também −tudo indicava− já haviam encontrado cada qual o seu rumo. Lourdes Maria tinha 20 anos e vivia repetindo para os pais seu desejo de ser freira − o que enchia de orgulho dona Juvenília−. Sempre teve aquele jeito contido e o olhar tímido. Frequentou a igreja desde a infância, nunca quis namorar −ou pelo menos nunca apresentou um namorado para a família− Numa carta que enviou aos pais contou que vivia do trabalho que arranjou como recepcionista de um grande hospital particular de Campina Grande na Paraíba, no período noturno – era o que a sustentava − durante o dia dormia tanto que precisava ser acordada para as refeições.

Camila, gêmea idêntica, nasceu mais nova que Lourdes por causa de apenas um minuto, cursava Secretariado em uma faculdade particular no período da noite − ao menos era isso que

alardeava nas longas correspondências que enviava. Quando enviava −. Nelas dizia que morava, durante a semana, em uma quitinete, no centro de Maceió, e dividia o espaço com uma amiga −também estudante−, por isso só podia voltar para a companhia dos familiares nos finais de semana. –Alguns sim outros − bastantes −, não. Não era fácil vencer os mais de cento e vinte quilômetros que separam a capital do pequeno município.

Antes de Norma, ainda havia Ricardo. Esse era o responsável por algumas cãs que brotavam alvas e em abundância da cabeça de seu Ambrósio. O menino parece que ainda não havia decidido que rumo tomar na vida. Aos quinze anos decidiu que queria ser jogador de futebol − famoso −, mas logo largou a bola e resolveu que queria ser policial.

Aos dezessete fugiu do município, a pequena Coité do Noia, só para não servir às forças armadas, mas foi logo recapturado –em Limoeiro de Anadia − e levado sob vara para o quartel onde permaneceu por um ano alternando entre prisões e serviços. – Mais a primeira que o último −. Foi logo que saiu do Exército que conheceu uns garotos diferentes. Não quis mais saber de escola − tampouco de polícia – começou então a se apresentar na Praça dos Cristino com uma banda *punk* que ostentava o estranho e repulsivo nome de "Pus e Catarro".

Não é que os filhos houvessem se distanciado, mas os vizinhos se apiedavam do casal de idosos sozinho naquela casa. Ultimamente, os pobres só recebiam visitas esporádicas de Ricardo e diziam as más línguas que tais visitas só aconteciam, coincidentemente, na data do recebimento do benefício previdenciário pago pelo governo a ambos.

Aquele era o vigésimo oitavo aniversário de casamento do casal. E seu Ambrósio, bem como dona Juvenília, não tinha pensado em nada especial. Há muito se resignaram com a própria situação e pareciam fazer parte da paisagem da cidade. Estavam sentados na varanda acompanhando o movimento fortuito das

pessoas que − de vez em quando − passavam por ali apressadas e voltadas para os seus afazeres, mas que sempre encontravam uma fração de tempo para um aceno com a mão ou um meneio de cabeça. Às vezes até um dissílabo sobressaltava:

−Dia!

−Dia!

Replicava o casal. Aquela rua já foi mais movimentada. As lembranças de um passado distante já quase haviam se transformado em um borrão. Seu Ambrósio tentava arrancá-las do recôndito de onde se instalaram, porém, elas parecem ter fincado raízes como as verrugas que cresceram nas mãos e pés do seu tio Juvenal, frequentador assíduo do cabaré de dona Rosinha e que fora infectado por uma variedade agressiva e rara do papilomavirus humano, comumente chamado de HPV. Pelo menos era isso que diziam os mais sábios na época.

O povão chamava aquilo de "couve-flor". Havia alguns homens que desenvolviam tais verrugas na virilha e as pobres mulheres só descobriam na hora do coito. Dizem que daí surgiu o costume de manterem-se sempre as lamparinas apagadas e fazer tudo às escuras debaixo do cobertor. Assim, ninguém podia ver o que o outro tinha. Dessa forma, acreditavam, nenhum dos dois seria infectado.

O pobre homem parecia ter árvores nas extremidades das mãos e dos pés. Correu à boca pequena que quando Juvenal passou desta para melhor parecia mesmo com o tronco seco de um cuitezeiro. Na ocasião do seu passamento, não houve nem velório. Nada de rede. Tampouco incelenças. Direto para o caixão e dele para a terra. Afinal, não é lá que se plantam as árvores?

−Seu Juvenal virou um pé de árvore, papai?

Mas voltando ao movimento ou à ausência dele, seu Ambrósio conseguiu se lembrar dos blocos carnavalescos que, durante o dia coloriam toda a extensão da rua no mês de fevereiro. Eis uma lembrança bem-vinda. As moças, somente aquelas que

não eram de família, todas elas lindas, desciam as vielas mostrando as pernas do joelho para baixo, enquanto rodopiavam ao som das animadas marchinhas puxadas pelas charangas que tomavam conta da folia. Aquilo deixava os rapazes enlouquecidos. Também os homens feitos.

À noite, o Clube Atalaia abria suas portas para o baile da família. As moças que desfilaram nos blocos de rua eram proibidas de entrar. Foi por ocasião de um desses eventos que conheceu Juvenília. Ela estava em uma mesa acompanhada dos pais e mexia distraidamente em um arranjo de flores colocado ali como enfeite. Tão absorta, nem percebeu a aproximação de Ambrósio. Acanhado, com uma das mãos nos bolsos da calça, ele tocou, com a que estava livre, o ombro de seu Rufino. O bigode espesso e os óculos de fundo de garrafa davam àquele homem um ar de austeridade, mas tal faceta não intimidara o resoluto jovem.

Naqueles tempos, diferentes dos de hoje, não se podia dirigir-se diretamente à pretendida e convidá-la para uma dança. Era obrigatório, antes, passar pelo crivo do pai dela. Ambrósio sabia de cor e salteado as regras. Todas. Nunca olhar diretamente nos olhos da moça antes da conversa com o patriarca; nada de bis; Manter a distância de quatro dedos do corpo da parceira; quando a música terminasse devia levá-la de volta à mesa e entregá-la nas mãos do seu responsável. Sem galanteios. Por último, não podia entabular nenhum tipo de conversa durante a dança sob pena de ver um pai exasperado arrancar o par de seus braços. Muitos jovens evitavam convidar alguma mocinha para dança por temerem que um ou outro, menos letrado, levasse esta última regra ao pé da letra. No entanto, Ambrósio não era covarde. Tímido sim. São coisas diferentes. Seu pai quem havia lhe ensinado essa dissemelhança. Aproximou-se resoluto e em momento algum tirou os olhos dos de Rufino Borba. A firmeza na impostação vocal e o gestual firme e decidido pesaram na balança para o lado do jovem

apaixonado. O austero Rufino analisava, de uma tacada só, todo o perfil de qualquer um que se aproximasse da filha.

−Filha minha não dança com um "engancha as calças"

Demonstrando firmeza em suas atitudes, Ambrósio conquistou de uma só vez o coração de Juvenília e, por extensão, a confiança de Rufino. Ao término da dança foi convidado a sentar-se à mesa e fazer companhia à filha do casal. Aceitou de pronto. Uma vez abrandecido o desconforto inicial, o restante do baile foi regado a gabações e gargalhadas que perduraram por toda a noite até o fim do baile.

Três meses depois veio o casamento. Sem pompa. As famílias não eram abastadas. Seu Rufino tirava o dia num pequeno comércio que vendia de tudo. "Secos e Molhados do Rufino". Este era o nome. O pai de Ambrósio, Dorgival de Lima, criava cabras e comercializava laticínios na feira do produtor aos finais de semana ajudado pelo filho. Também fazia peneiras e a mulher contribuía para a renda da família confeccionando bordados e colchas de retalhos.

Um começo difícil para os jovens recém-casados. A parte dos fundos da choupana do pai de Ambrósio foi aumentada em um cômodo que iria servir de quarto para casal. Ali morariam por mais de seis meses até que o rapaz conseguisse erguer um barraco modesto num terreno pertencente à família de Juvenília e que ficava a alguns metros dali. Filhos? Por enquanto nem pensar. As condições não se mostravam favoráveis ainda.

Somente quatro anos depois, já devidamente acomodados veio Norma, a primeira filha. Da mãe puxara apenas o olhar severo. A compleição física e os trejeitos eram todos eles do orgulhoso Ambrósio. Alimentada com leite de cabra, assim que desmamou, a pequena Norma se destacava em meio às outras crianças pelo vigor que demonstrava nas brincadeiras em razão da força física diferenciada, também pelo comportamento decidido. Um jeito de quem nunca dá o braço a torcer.

−Essa daí nunca vai se dobrar para homem nenhum. Ninguém vai colocar rédea em Norma.

Alardeava com altivez o pai nas rodas de amigos. Dona Juvenília apenas concordava. Jovens e felizes planejavam encher a casa com mais iguais àquela criaturinha.

O reinado de Norma durou dois anos. Chegou ao seu crepúsculo, assim que nasceu Ricardo. Ambrósio explodiu em alegria concomitante aos fogos que soltou dando boas-vindas ao primeiro filho macho. Já um pouco melhor de vida àquela altura se deu ao luxo de preparar uma latada e convidou os amigos para a comemoração regada a muita cachaça e animada pelo trio "Bafo de Calango" com Ferrugem no triângulo, Cosmo na zabumba e Ludugero no acordeão.

−A vida de Ricardinho vai começar com música de qualidade logo cedo.

Disse animado Pedro Gaivota, depois de sorver mais um gole da lambicada e tirar o gosto com a coxa de um capão que foi morto exatamente para aquela ocasião. O marido de Margarida do Carmo, melhor amiga de Juvenília aproveitava para comemorar também o aniversário de sua filha Carmelita, mais nova apenas dias de diferença em relação a Norma.

O casal de amigos contribuiu para a festa com dois capões bem gordos e um litro de cachaça, além de um bolo de puba que Margarida fez com capricho.

Apesar de muito próximas, Juvenília nem desconfiava de que a amiga guardava certa mágoa dela. É que no dia do baile no Atalaia, Margarida queria dançar uma parte com Ambrósio. Era a chance que precisava para dar o primeiro passo rumo ao casamento tão sonhado e cobrado pelos pais. Sabia que ele era homem para casar.

Aguardou − por várias músicas − o momento em que ele iria convidá-la para o centro do salão, porém não tivera chance, visto que o jovem ficou arreado por Juvenília e depois de dançar

uma parte com a bela filha de Rufino, não se levantou mais por nada da cadeira. Menos mal que na mesma ocasião, Margarida conheceu Pedro Gaivota. Não era belo como Ambrósio, todavia, antes um gordinho desajeitado em seus braços do que morrer solteira com as mãos abanando.

O tempo correu e dali em diante não houve mais festa. Quando Filipe nasceu, Norma já tinha dez anos. Juvenília tratou de fechar a porteira. Não que os chamegos tivessem acabado, mas com a permissão do padre fez uma viagem de 132 km para Maceió onde realizou a ligadura das trompas. Norma, Ricardo, Camila, Lourdes e Filipe. Prole gerada. Todos batizados no mesmo dia.

Na ocasião, compenetrado, Ambrósio rogou ao Criador que lhes dessem um futuro de conquistas e que, principalmente, não se deixassem levar pelas vicissitudes do mundo.

As sementes plantadas por Ambrósio e Juvenília foram germinando a cada primavera do sertão. Cada qual com sua própria identidade. Quando atingiu a maioridade, Norma convenceu os pais de que Coité do Noia era muito pequena para abrigar as suas ambições. Quem sabe se procurasse um município mais promissor, como Jacaré dos Homens por exemplo − que ficava somente a pouco mais de 80 km dali − conseguiria reunir condições de alimentar melhor os seus sonhos.

Seu Ambrósio não relutou. Tampouco dona Juvenília. É que más línguas já estavam disseminando histórias escabrosas que diziam respeito ao comportamento da filha mais velha do casal. Aquela garota de cabelos compridos até abaixo da cintura; com quase um metro e sessenta de altura enlouquecia os homens com seus vestidos curtos que deixavam à mostra o belo par de coxas grossas e torneadas. Tanto solteiros quando casados. Estes últimos, motivo da perda de sossego das mexeriqueiras de plantão.

Dentre as muitas fofocas vulgarizadas em todo o município, uma chegou à porta da casa de Ambrósio de Lima e dava conta de um suposto caso que a beldade teria tido com

ninguém menos que o prefeito Olacir de Carvalho Munhoz. As carolas apregoavam − em conversas ao pé do muro − que Norma só poderia estar possuída por um espírito maligno para ter se envolvido com um velho de quase setenta anos. Pior de tudo: casado. E mais terrível ainda: cardíaco.

Outras mais escandalosas alardeavam que a garota podia facilmente ser encontrada na rodovia prestando favores aos caminhoneiros em troca de dinheiro. Diversos relatos chegavam aos tristes ouvidos de Ambrósio e Juvenília, mas eram prontamente rechaçados pela filha. Eles acreditavam nela.

O fato é que, coincidência ou não, no mesmo dia da morte do prefeito, Norma arrumou a bagagem − uma mala de rodinhas − que encostou, na noite anterior, à porta da sala. Pela manhã fez o anúncio aos pais:

−Eu vou tentar a vida em Jacaré dos Homens. Lá eu acredito que terei mais chances de realizar meus sonhos. É uma cidade maior e mais desenvolvida. Tenho certeza de que conseguirei vencer na vida lá.

De um pedaço de pano enrolado tirou algumas cédulas. Separou uma parte e entregou nas mãos de dona Juvenília. Com o consentimento de Ambrósio, a senhora dobrou-as ao meio e sem contá-las guardou-as no bolso do avental. Não houve choro. Nem abraços acalorados. Só quem entendera − de maneira absoluta − o que se passava, além dos pais foram os irmãos mais velhos: Ricardo, Camila e Lourdes. Filipe fez cara de jatobá seco.

Da janela do barraco, o casal e os filhos acompanharam, extravagante, equilibrando-se sobre um salto de quase um palmo de altura, ela mesma: Norma com os cabelos esvoaçantes levar em uma das mãos uma bolsa, enquanto a outra puxava uma pesada mala dessas com rodinhas que deslizavam levantando poeira aos solavancos nos catabis vermelhos da chapada coiteense.

O beato Romão Cícero, não deixou por menos e mandou uma quadra que Benjamin, seu fiel escudeiro e exímio tradutor,

naquela ocasião, preferiu não explicar. Uma coisa é traduzir uma quadra genérica, outra é ter de falar sobre uma individual.

Quem peja mácula na mala
Saiba que o coração não se cala
O rancor permanece na lembrança
O fecho se abre e estoira a vingança

Não eram seus sonhos que estavam ali dentro. Eles não caberiam numa mala só. As ambições e desejos daquela menina de olhar decidido, pernas grossas e cabelos longos e lisos encheriam sim toda extensão do que restou do Lago da Sucuri, à beira da morte por falta d'água num ciclo que castigou Coité do Noia por mais de oito anos culminando com o seu quase sepultamento. Se Jacaré dos Homens, também não fosse suficiente para saciar a vontade de explorar o mundo que emergia em Norma, Maceió estava logo ali. Para isso fora dotada de pernas fortes. Toda Coité do Noia acompanhou a partida da primogênita do casal Ambrósio e Juvenília. Por toda extensão da rua podia-se acompanhar as pessoas espiando das janelas à procura do melhor ângulo. No caso dos homens para observarem, pela última vez, o balançar dos quadris da mestiça. Quanto às mulheres objetivavam apenas ver as lágrimas que vertiam de ambos os lados.

−Questão de foco.

Admitiu baixinho, quase sussurrando, Pedro Gaivota. O esticar de pescoços e o festival de olhos arregalados duraram até a silhueta de Norma sumir na estrada poeirenta do município. Aos poucos, as janelas foram se fechando e cada qual tratando de cuidar dos próprios problemas. No trajeto para a rodoviária, Norma foi rememorando alguns fatos que ainda estavam fresquinhos em sua memória. Veio então a imagem de uma tapera no meio do nada. O matadouro. Como assim chamava o orgulhoso proprietário. Após tirar os sapatos e ficar apenas de

meias, trajando a costumeira camisa social de cor palha e vestido numa ceroula amarelada que, segundo suas próprias palavras ganhou de presente por ocasião do seu 67º aniversário, o prefeito Olacir de Carvalho deitou-se e ficou remoendo. Ali, ao lado daquela deusa da beleza era como se tivesse voltado aos seus vinte e poucos anos, quando pegava garrotes pelo rabo e os derrubava antes da linha, nas vaquejadas que eram organizadas por seu pai. Tinha convicção de que, dali em diante, jamais ia conseguir livrar-se da imagem forte de Norma que surdia feito a mais linda rosa e ficara gravada feito tatuagem no seu íntimo desde o primeiro instante em que a viu. Agora ela estava ali. Completamente nua e pronta para ser despetalada. E o jardineiro estava ali, a postos. Já antecipava os intensos os momentos que passaria ao lado da fogosa ninfeta. Bem que tentou transformá-la em propriedade exclusiva sua, mas ninguém conseguia controlar o fogo de Norma. Pelo visto, nem os seus pais lograram êxito neste intento. Seu Ambrósio e dona Juvenília não admitiam o óbvio saltitante na frente dos seus olhos. Era melhor assim. Os outros filhos não precisavam se inteirar das coisas que emanavam das bocas pútridas de alguns moradores de Coité do Noia. Principalmente, as invencionices de um magote de desocupados que viessem a envolver quaisquer dos membros da família.

Não contente em tomar apenas uma, o velho Olacir engoliu duas daquelas pílulas azuis que o prefeito de Tanque D'Arca lhe dera de presente. As cápsulas foram consumidas com a ajuda de um copo cheio de cachaça do alambique. Norma bem que notou que Olacir estava mesmo bastante empolgado. Só que no instante em que ela, sem roupa nenhuma deu o primeiro beijo em seu pescoço enrugado, o velho arquejou.

Parecia um peixe fora d'agua. Ou um daqueles que tentaram sobreviver à seca do Lago da Sucuri. Sem reação, uma assustadiça Norma viu o prefeito dar o seu último suspiro e morrer de barriga para cima com aquela constrangedora e

enrijecida protuberância emergindo de sob a cueca que ganhara de presente de aniversário. Saiu correndo dali.

Só mais tarde é que deram pela falta do prefeito. O seu braço-direito, Amândio Munhoz, sobrinho querido e sempre presente, foi quem encontrou o corpo. Sabia das "puladas de cerca" do tio, inclusive havia sido ele próprio quem ajudara Olacir a erguer aquela tapera no meio do nada. Foi a maneira que encontrou de poupá-lo do vexame de ser descoberto um dia, em pleno centro da cidade. Pelo jeito, a aventura terminara ali. Não ia ser difícil descobrir com quem o velho estava, mas era melhor não mexer com a brasa, pois, as fagulhas podem se espalhar com o vento e virem a causar novos e incontroláveis incêndios.

CAPÍTULO II

Presságios

Os elementos que compunham a base de sustentação econômica da família seriam agora redistribuídos entre a prole, com fito de dar continuidade ao modo de sobrevida do clã. Os homens, Ricardo e Filipe, aprenderiam com Ambrósio a manufatura de peneiras de bambu, enquanto Camila e Lourdes Maria se empenhariam no aprendizado do fabrico de colchas de retalhos e bordados. Ambos os produtos tinham boa saída para cidades vizinhas e também para a capital Maceió. A localização privilegiada de Coité do Noia facilitava o comércio com municípios lindeiros como Igaci, ao Sul; Limoeiro de Anadia, ao Leste e Arapiraca, a Noroeste da terra dos cuitezeiros.

Cuité é, como muitas palavras brasileiras, de origem indígena tupi-guarani e dá o nome ao fruto de uma árvore a "*Crescencia cujuete*" de família "*Bignoniaceae*". É formada pela composição por aglutinação de **cúi** (vasilha, cuia, gamela) e **eté** (legitimo, real, verdadeira) originária dos índios Cuités, da tribo dos Paiacus, grupo dos Cariris ou Kiriris do Norte.

O fruto do cuitezeiro serve para combater várias doenças. O conhecimento foi passado de geração para geração pelos indígenas, até chegar à medicina popular. O caboclo resolveu utilizá-lo como antibiótico, anti-hemorrágico, anti-inflamatório, analgésico, antialérgico, antidiarreico, antiasmático, além de aproveitar até das suas folhas que têm aplicações purgativas.

Depois de descobrirem que as ciganas comiam o fruto maduro na intenção de provocarem aborto em si mesmas e nas outras mulheres da cabilda, algumas locais passaram a olhar com desconfiança até mesmo para dona Filomena, a parteira. No entanto, ela se defendia sustentando com veemência que utilizava o coité, apenas e tão somente após o parto e com fins unicamente

terapêuticos, por ele servir de estimulante à expulsão dos restos de placenta.

Como já havia uma gama de pessoas que exploravam o comércio do coité. Seu Ambrósio resolveu investir em outra seara. A produção de peneiras de bambu e os bordados tinham boa saída e a procura só aumentava na mesma proporção da manufatura.

Dois anos após a partida de Norma, a frustração de Ricardo explodiu de vez. No ano anterior, ele havia aventado a ideia de ingressar nos quadros policiais com destaque para a polícia de fronteira. Era uma maneira de ficar longe da cidade que tanto odiava.

Havia tentado sem sucesso passar na difícil peneira do Coiteense Esporte Clube. Os avaliadores pareciam não ter gostado do desempenho do jovem atacante. É que Ricardo não demonstrava muita habilidade com a bola.

Desanimado, foi tentar a sorte em outro endereço, o Clube de Regatas Noieense. O presidente se gabava que o verbete "Regatas" adicionado ao nome se devia ao fato de tê-lo visto estampando o símbolo de um grande time de futebol do Rio de Janeiro. Tudo bem que só veio descobrir posteriormente que em Coité do Noia não havia um espaço sequer, nem o Lago da Sucuri, que servisse à prática do esporte náutico a que o belo vocábulo fazia referência. A resposta do Clube de Regatas Noieense não foi diferente da outra que recebeu no arquirrival.

Não tanto pelo glamour já que o futebol era vitrine inconteste, mas pelo poder exarado e pelo fascínio que o uniforme exercia, Ricardo chegou a fazer planos de vestir a farda da Polícia Militar de Alagoas.

Mas, antes veio o serviço militar obrigatório e toda a gama de cobranças que ele carreava. Sentindo a aproximação do dia de se apresentar ao comandante, Ricardo foi arrebatado por uma onda de temor que acabou levando-o a tomar uma decisão drástica. Saiu correndo sem destino. Escondeu-se em Taquarana.

Para fugir do mundo ou de si mesmo, trancou-se em um quarto de onde não saía para nada só quando o dinheiro acabou. Naquele tempo, apenas dormia profundamente. Acreditava que viajando para dentro de si fugiria do mundo, porém sempre voltava a encontrar-se consigo mesmo quando acordava.

Seu Ambrósio e dona Juvenília sofriam mais um golpe. Nem bem tinham assimilado o primeiro gancho de direita que explodira em suas faces quando da inesperada partida da filha mais velha vinha o segundo tão potente quanto. Ricardo Desaparecera.

Com as forças armadas no seu encalço, permaneceu recluso por cerca de seis meses. Depois partiu de Taquarana para outras cidades pegando carona com alguns caminhoneiros. Foi parar em Maceió.

Uma noite, na Praia do Francês, viu o mundo oferecer-lhe uma oportunidade. O guitarrista de uma banda de forró que passava o som na arena montada para a apresentação que aconteceria mais tarde, largou, por alguns instantes, o instrumento sobre o palco. Ricardo não pensou duas vezes.

Bastou soltar o plugue embrenhar-se pela escuridão e partir às carreiras para bem longe dali. Não deixou também de levar o "*case*" que se encontrava jogado ali ao lado. Devia ir embora da capital alagoana imediatamente.

Agora com o instrumento dentro da capa e com a mesma presa às costas ficaria mais fácil conseguir deslocar-se, afinal ninguém negaria carona para um músico. Diferente de um andarilho.

De repente já estava em Arara, no agreste paraibano. Lugar cujo povoado teve seu início na segunda metade do Século XIX. Na ocasião, os tropeiros viajantes que faziam o transporte de carne de sol, farinha de mandioca e rapadura, entre o Curimataú, Seridó e o Brejo Paraibano, aproveitavam as sombras das copas das baraúnas que existiam nas proximidades de um Lago, situado ao norte do Engenho Porções, nos contrafortes

do Planalto da Borborema, depois de três léguas de cavalgada no local onde hoje se encontra edificada a cidade de Arara.

Foi o Padre-Mestre-Doutor José Antônio Maria Ibiapina, que envidou esforços para o desbravamento e progresso da região do Curimataú, onde hoje se encontra o município de Arara. Em um terreno doado pelo Major Antônio José da Cunha e sua esposa Cândida Americana Hermogenes de Miranda Cunha, proprietários de jazidas de calcário na região, ele fundou próximo ao local onde se encontra erguida a atual cidade de Arara, a Casa de Caridade de Santa Fé, instalada no ano de 1866. A comunidade começou se disseminar em torno da casa paroquial. O padre aproveitou o desenvolvimento se acercando e ergueu a igreja matriz de Arara que foi apadrinhada por Nossa Senhora da Piedade.

Por coincidência, Ricardo chegou em um momento único na cidade. Era a semana de festejos em face da padroeira e o vai-e-vem de pessoas criou uma espécie capa protetora e fez com que ele quase não fosse notado. Arrumou um cantinho próximo da Matriz e ficou observando o movimento. Alguém no meio daquele reboliço todo devia ter uma caixa acústica que pudesse ser levada.

Na semana seguinte já estava a caminho de Algodão da Jandaíra a Oeste de Arara. Ali não deu muita sorte. Depois de um porre homérico adormeceu sobre os bancos da praça em frente ao distrito policial. Foi preso pelo cabo Dagoberto por vadiagem.

Sem documentos, sem notas fiscais do instrumento e da caixa acústica foi levado para o xadrez depois do tradicional comitê de boas-vindas que resultou em vários hematomas.

Na primeira noite dormiu como uma galinha guiné. Não foi importunado. Também, a quantidade de marcas roxas espalhadas ao longo de todo o corpo afastaram até as muriçocas. Na manhã seguinte conheceu dois companheiros de cela. Eram pessoas estranhas. Diferentes daquelas as quais estava acostumado a ver nas cidades por que passou.

Um galego alto e cheio de sardas com os cabelos espetados e broches nos lábios. O outro também branco só que de cabelos pretos cortados como de militares e devia ser afeminado, pois ostentava dois brincos um em cada orelha.

−Pelo jeito você já conheceu o cabo Dagoberto.

−Infelizmente sim. Prazer meu nome é Ricardo.

−O meu é Reinaldo, mas pode me chamar de Estrume. Esse aqui é o Afonso. Ele prefere que o chamem pelo nome de guerra: Ameba. Você caiu aqui dentro por quê?

−Não sei. Tomei umas cachaças com estômago vazio e desmaiei na frente do distrito. Acordei com uma cassetetada no lombo e fui trazido para cá. Antes me levaram a um quartinho e me espancaram. Estou preocupado é com minha guitarra e a caixa acústica que eu roubei de uns otários por aí.

Nesse momento, os dois companheiros de cela de Ricardo entreolharam-se. O jovem percebeu, mas não entendeu o porquê de ambos franzirem as testas. Mas em seguida ouviu:

−Então foi você?

−Fui eu o quê?

−Foi você quem roubou a caixa acústica da igreja?

−Era da igreja?

−Claro seu tonto. Essa é a semana de festejo do Sagrado Coração de Jesus, o padroeiro da cidade. E você vem roubar logo na frente do distrito?

−Eu não sabia. Toda cidade que eu passo está em semana de festejo. Esse povo não trabalha não?

Sorriram. Ricardo aproveitou a descontração e quis saber o motivo de os dois rapazes estarem também encarcerados como ele. O que respondia pela alcunha de "Estrume", o mais falante, foi quem explicou que ambos estavam ali por que foram pegos pela equipe do cabo Adalberto pichando os muros da Igreja Imaculada Conceição. Também haviam passado pela calorosa recepção por parte dos guardas de plantão.

A partir de então a conversa fluiu. Evoluiu até começarem a falar de música. Ricardo disse que arranhava algumas notas na guitarra e que seu sonho era formar uma banda e sair pelo mundo tocando. Para isso precisava de um baixista e de um baterista. Mais uma vez os olhares trocados pelos companheiros de cela intrigaram Ricardo. Estrume explicou que sabia dedilhar alguma coisa no contrabaixo e que seu amigo tinha boa noção de bateria.

Ricardo não se continha de felicidade pelo encontro fortuito. Finalmente, Afonso, aquele que prefere ser chamado de Ameba pediu a palavra:

−A conversa está muito bonita, mas como é que a gente vai conseguir um contrabaixo e uma bateria?

−Da mesma forma que eu consegui a guitarra e a caixa acústica.

Respondeu Ricardo. Ele explicou que bastava vigiar a passagem de som de alguma dessas bandas que vem fazer shows por ocasião dos festejos das cidades. O contrabaixo poderia ser surripiado de uma vez. A bateria teria que ser levada aos poucos já que tem muitas partes e fica difícil sair com ela inteira nas mãos.

−Tudo bem. Mas que som a gente vai fazer?

−Vamos mandar um som diferente. Não temos triângulo nem sanfona e tampouco zabumba. Logo não tocaremos forró. Vamos mandar um som pesado do tipo faça você mesmo.

Profetizou Estrume. Todos concordaram. Agora bastava pensar em um nome de impacto. Combinaram que cada um sugerisse três nomes para serem postos em votação. Ganhou "Pus e Catarro" insuflado por Ricardo.

De volta à realidade era preciso encontrar uma maneira de sair da prisão. Pelo que tinha notado do pouco tempo de convivência com os colegas de cela, Estrume era muito falador contudo, não tinha boas ideias. Ameba fazia o tipo caladão, então havia sobrado para si a tarefa de pensar em alguma coisa.

Depois de alguns minutos de silêncio, Ricardo se levantou e bateu na grade. Não tinha muita esperança de ser atendido em seu pleito, mas não era do seu feitio aceitar tudo calado sem nenhuma contestação. Foi premiado pela insistência já que não demorou para que o cabo Adalberto surgisse mal-humorado:

−O que foi?

−Sabe o que é seu cabo. Como o senhor é a autoridade máxima aqui, eu gostaria de saber o que precisamos fazer para que o senhor nos liberte.

−Na ausência do delegado eu sou mesmo a maior autoridade aqui presente. Mas não posso soltar vocês. Já até mandei os nomes dos três para pesquisa na capital. O doutor Romário só chega na sexta-feira, então ele pode resolver a situação.

−Mas hoje ainda é terça.

−Pois é. E ele deixou um recado que quer ver essa cela cheinha quando voltar. Não quer ninguém bagunçando o festejo.

O rapaz coçou a cabeça. Olhava desesperado para Afonso e Reinaldo à espera de alguma manifestação por parte deles, mas ambos pareciam abduzidos, ou até mesmo resignados com a própria situação, pois mantinham o rosto sem nenhuma expressão. Ricardo tentou, então, uma última cartada:

−E se pintássemos a fachada da igreja que foi pichada? E eu pedisse perdão de joelhos ao padre pela minha atitude?

−É pouco.

−E se eu doasse também minha guitarra para ser leiloada na quermesse e o dinheiro arrecadado fosse destinado às obras da igreja ou então para melhorar as instalações do distrito? O que o senhor acha seu cabo?

−Aí sim. Desse jeito já podemos pensar nas tratativas. Podem ir se preparando que eu vou levar vocês para lavar o estábulo, depois para fazerem uns reparos e pintarem a igreja e por

último realizarem a doação. Mas que fique claro! A guitarra vai ser doada para mim e eu vou repassá-la ao padre. Desse modo, ganho pontos com ele e consequentemente com Deus lá no céu que é para onde quero ir quando deixar esse plano. Amém?

−Amém seu cabo. Graças ao bom Deus.

E olhou para os amigos para que eles também se manifestassem. Era uma cena de guardar para sempre na memória, aqueles rapagões de cabelos espetados e roupas rotas; calçados em coturnos do exército e com as mãos postas em posição de adoração como se fossem dois louva-a-deus. Quando Adalberto saiu para buscar as chaves, os companheiros de Ricardo se voltaram para ele. Não aceitavam os termos do acordo feito sem a anuência de ambos. Foi difícil, mas finalmente se convenceram de que aquela era a única maneira de se livrarem do cárcere.

Ricardo ponderou que o cabo tinha um grave defeito: a vaidade. Era preciso explorar com muita sabedoria aquela imperfeição. Todo homem tem alguma protuberância purulenta que vive adormecida dentro dele. Basta alimentá-la e depois provocar sua ruptura para que ecloda e venha varrendo tudo feito lava de vulcão ou como uma pústula repulsiva.

−Filosófico. Isso dá uma boa letra de música. Dá também um bom nome para a banda.

Comentou Estrume, enquanto observava o cabo Adalberto descer as escadas com o molho de chaves nas mãos. Pelo jeito, ele ia ter muito trabalho para encher aquelas celas até à sexta-feira, dia do retorno do delegado Romário.

Menos mal para o trio libertado. É que uma semana depois da soltura chegou ao distrito, nas mãos do cabo Adalberto, um telegrama informando da condição de foragido das forças armadas atribuída a Ricardo de Lima e Silva e que uma guarnição do exército já se encontrava em deslocamento para resgatá-lo.

Durante a fuga, os três investiram contra um ônibus da banda "Sovaco de Cobra" que se encontrava no estacionamento

de um posto de gasolina e após renderem o motorista que era o único no veículo conseguiram arrebatar os instrumentos de que necessitavam para, finalmente, compor a banda a que tanto aspiravam. O contrabaixo estava tinindo de novo já a bateria, tirante um leve amassado em um dos pratos e um rasgo na Caixa que ocorreu depois que Estrume a deixou cair serviria ao seu propósito, assim que os defeitos fossem sanados.

Durou exatos cinco meses a liberdade de um dos componentes do trio de novos *punks* do sertão. É que ao passarem pelo município de Minador do Negrão, uma guarnição do exército já aguardava para conduzir Ricardo para a prisão na Junta Jurisdicional de Coité do Noia vinculada à sede Arapiraca e a polícia fazia um cerco para capturar um trio que segundo denúncia assaltara o motorista de uma banda de forró da Paraíba.

Pegos com os objetos do crime nas mãos, não tiveram como negar o delito. Ricardo foi conduzido pelos militares do exército para o quartel general e os dois jovens que o acompanhavam levados para a delegacia. A guitarra não entrará como objeto de queixa-crime. Não havia nenhuma denúncia nas delegacias circunscricionais, porquanto a ocorrência para a polícia dizia respeito apenas àqueles dois instrumentos apreendidos.

Somente sessenta dias após seus pais pagarem a multa pela deserção das forças armadas estipulada pelo comando do exército é que Ricardo foi solto. Desde então vaga pelas ruas de Coité do Noia, com sua inseparável guitarra que carrega nas costas, como um maltrapilho. De vez em quando solta um ou outro *riff* e se imagina no palco solando a música de alguma dessas bandas punks das quais já ouvira falar, mas que guarda a certeza de que nunca terá acesso se permanecer preso à terra seca do semiárido alagoano.

Vez em quando visita a casa dos pais, até mesmo dorme lá. Por coincidência, a data que sempre escolhe para ir, religiosamente, uma vez por mês, é todo dia 05, ocasião em que

seu Ambrósio e dona Juvenília recebem o dinheiro do benefício do INSS pago pelo governo federal.

Vai embora sempre com a roupa limpa e os cabelos escovados. Mas, antes mesmo de chegar a noite, a transformação acontece. Já houve histórias em Coité do Noia que davam conta do surgimento de uma fera que atacava as mocinhas de família nas noites de lua cheia. Carmelita, filha da mulher mais bem informada do município afirmava categoricamente que o bicho era Ricardo e que, inclusive, já havia fugido dele certa noite em que voltava do festejo de São Benedito, padroeiro de Coité do Noia.

Entre as diversas narrativas que tomavam conta das rodas de conversas na cidade, uma destacava que a criatura podia ser descrita como metade lobo, metade homem. Possuía a envergadura de um Mambira adulto; pelos cobrindo o rosto e o dorso, além garras no lugar das mãos e olhos vermelhos como os da besta-fera.

−Mas essa descrição é a mesma da metade dos homens que frequentam o bar do seu Antunes. Desse jeito vamos ter que deixar uma parte das mulheres de Coité do Noia viúvas.

Fez troça Pedro Gaivota virando mais um copo. Todos em volta da mesa de bilhar sorriram. Sabiam que aquelas histórias serviam apenas para alimentar a imaginação popular. Ou até para explicar os encontros fortuitos de alguma mocinha que queria posar de santa para a família, mas que na verdade estava mesmo era dependurada nos braços de algum safardana sob a copa de um cuitezeiro destes que abundam na cidade. Isso explicava o fato de tentarem esconder as marcas de chupões nos pescoços assacados pelos seus algozes. Quando alguém descobria já tinham a explicação na ponta da língua:

−Consegui escapara do lobisomem.

Ricardo, como nem sabia da fama que lhe era atribuída seguia sua rotina de desprezo pelo mundo e por si próprio. Nunca arredando os pés das proximidades do lar. Era ali o local onde

podia renovar as forças e contar com os braços sempre abertos de dona Juvenília que não media esforços para agradar ao filho.

CAPÍTULO III

Os tentáculos da cobra

Norma abriu a porteira. Ricardo a escancarou de vez largando livre a passagem para a partida dos mais novos. Quem deixou o lar, logo em seguida ao irmão, imediatamente foi Camila. Na época em que completou dezoito anos começou sentir uma estranha sensação que ela própria descrevia como uma espécie de "frevioca" no corpo.

Era tomada por uma angústia; uma inquietude e um vexame no coração. Por várias noites aguardava até que todos da casa dormissem e fugia para o Lago da Sucuri onde tomava banho completamente nua. Só retornava quando a temperatura do corpo enfim baixava.

Dona de chispantes olhos verdes que herdara da avó paterna, legou de dona Juvenília, o corpo esguio de cintura fina e as pernas grossas, além dos cabelos pretos e lisos que iam até à cintura. Característica marcante das mulheres da família da parte da mãe. Pouco mais alta que a irmã mais velha Norma, mas só um pouco mesmo, arrebatava os corações dos homens quando desfilava sua beleza pelas ruas de Coité do Noia.

Certa vez, em uma dessas escapadelas noturnas, foi seguida, por um de seus fãs. Aldegundes Vieira. Com um nome tão difícil de se pronunciar foi apelidado de "Vara Pau" em razão de sua altura e das pernas compridas extremamente desproporcionais em relação ao tronco que parecia encurtado o que lhe dava um aspecto peculiar.

−Esse aí nem precisa se agachar para limpar a bunda. Deve fazer esse trabalho somente levando a mão por trás do ombro.

Era Pedro Gaivota com mais uma de suas tiradas. Considerado o mais divertido dentre os frequentadores do bar do

seu Antunes, o bonachão, não se preocupava com as alusões ao seu próprio biótipo. Para ele, o que importava era ter as noites o amor de Margarida, a mulher que escolhera para viver.

−Um homem precisa se casar para cumprir o mandamento sagrado. Vejam o pobre Aldegundes. Jamais vai ter uma mulher que siga seus passos. Ninguém consegue seguir alguém com essas pernas longas.

Mas o fato é que Aldegundes Vieira, sem que ninguém ali percebesse seguira mesmo a jovem por todo trajeto até à margem do Lago da Sucuri e escondido atrás de um cuitezeiro pôde vê-la despir-se e se jogar no Lago. Naquela noite, quando a lua cheia tinha sua imagem refletida nas águas turvas do Lago, ele, após observar sua diva pairar sobre aquele céu líquido no chão tomou uma decisão que iria mudar para sempre a sua vida.

A paixão quando mexe com um homem, o faz ficar cego, surdo e mudo. E era assim que Aldegundes estava se sentindo. Não queria mais testemunhar nem escutar as chacotas dos amigos tampouco respondê-las. Sua obsessão naquele momento se resumia somente àquela deusa nua que dava ao Lago da Sucuri o privilégio de tê-la flutuando sobre as suas águas.

Não se sabe até o hoje o porquê de o lugar carregar tão estranha alcunha. Afinal, Sucuri não é lá denominação muito atrativa para um regato. Basta ver pela quantidade de relatos que pipocam a respeito da origem do nome.

Um deles conta que quem o batizou com tal nome foi o sargento-mor Fontenele de Morais. No final do século XVII, as investidas em oposição aos quilombos se intensificaram, principalmente contra o de Palmares localizado na Capitania de Pernambuco, região hoje pertencente ao estado de Alagoas. O servidor dedicado a Dom João V se embrenhou na mata à procura de negros fujões e após dois dias desaparecido foi encontrado dormindo nu à beira do lago com duas negras que, segundo ele havia capturado. Quanto às roupas alegou que uma sucuri havia